

DEPOIS DO BAILE

TRAD. DE JAIME DE MACEDO

EDIÇÕES DELTA
LISBOA
[ca 1900]


FOTO

CONDE LÉO NICOLAEVITCH TOLSTOI

(Nasc. 1828--Mor. 1910)



Nasceu nas terras de Ismaia Poliana, que eram uma doação do Estado, na Russia, e foi ahi educado sucessivamente por duas tias, que juntamente com a mãe morreram com intervalo de poucos anos, ainda na sua infancia.

Desta primeira época da sua vida, até á idade de quinze anos, em que entrou para a universidade, vem, certamente, o seu gôsto do campo, das lavouras, da vida simples que ahi se leva, e foi esta influencia que mais fundamente sofreu.

Tendo sido reprovado num exame da Faculdade de Letras, transferiu-se para a de Direito, de onde saiu formado em 1848.

Três anos depois, de novo parte de Ismaia Poliana para ir ter, como ca-

dete de artilharia, com um dos irmãos que se encontrava no Cáucaso. Esteve ahi três anos, e ahi escreveu os seus primeiros livros *Infancia, Adolescencia e Mocidade*, auto-biografia apenas desfigurada, os *Cossacos* e outras novelas.

Tolstoi pinta os cossacos como bravos montanhezes selvagens, num scenário grandioso — mas grosseiros e simples, modificando assim a visão fantasista creada pelos romances de Gogol e de Poukine, que pintavam o Cáucaso como teatro de façanhas semi-heróicas.

No começo da guerra da Crimeia foi transferido a seu pedido para Sebastopol, escrevendo *Sebastopol em Dezembro de* 1854, *Sebastopol em Maio de* 1855, *e Sebastopol em Agosto de* 1855. Terminada a guerra demitiu-se, passando o ano de 1856 em S. Petersburgo, quando a fama da sua bravura e os seus primeiros livros lhe abriam todas as portas. Esse ano passa-o ele na simples observação da primeira sociedade russa.

No ano seguinte, em 1857, foi em viagem pela Alemanha, França e Suiça. Publicou então: *A Felicidade de Familia, Três mortes* e *Polikonchka.* Uma segunda viagem pela Europa veiu modificar o curso das suas ideias: é então que toma um desmesurado interesse

pela escola da sua aldeia e que publica vários artigos de pedagogia.

Em 1862, o conde Léo Tolstoi casou-se com a filha dum médico de Moscovo, Sofia Andreevna Bers. E' deste acontecimento que data o periodo de maior actividade do romancista. De facto, mais tarde, ele reparte a sua actividade entre os seus trabalhos doutrinários, e os seus romances. Estes mesmo só servem para ilustrar as conclusões morais a que vai chegando no decurso dos anos. Foi naquela época que escreveu *Guerra e Paz*, romance em que desenvolveu o plano de outra obra sua, *A conjuração dos Dezembristas de* 1825, da qual apenas foram publicados três capitulos.

Aqui, Tolstoi manifesta a extraordinária dóse de observação, que com o seu grande talento de observador tinha colhido num larguissimo campo de experiencias. E' tanto assim, que o romance é dificil de ser abrangido, e as scenas sucedem-se as mais variadas: scenas de amôr, jogos de creanças, discussões sobre heranças, rapto, montarias, vida dos salões, intrigas politicas, batalhas, assaltos, conselhos de imperadores e generais, incendio de Moscovo. E são inumeros, os personagens deste livro, que foi o seu mais célebre romance

na Russia. Em seguida publica: *Alfabeto*, uma série de livros de leitura e *Ana Karenine.*

Depois é a tradução dos Evangelhos, *Em que consiste a minha fé? Que fazer, pois? Em que consiste a felicidade?* e a *Morte de Ivan Ilütch, O poder das trevas, Sonata a Kreutzer, Mestre e Servidor, Ressurreição* (este passado em 1900).

A principal caracteristica de Tolstoi é certamente a sinceridade e a verdade, na minucia do detalhe; são, pois, fácil de assinalar as páginas em que descreve scenários ou meios.

Publica ainda, entremeando-os com os seus romances, vários escritos de polémica, até ao dia em que estes, e os seus trabalhos doutrinários o absorvem completamente. Entre outros, há os seguintes trabalhos: *Está em vós a Salvação, Os tempos estão próximos, Sobre a Arte*, etc.

A'cêrca das suas teorias, alguem pôz em evidencia as conclusões a tirar delas. Baseando as suas afirmações sobre uma exégese doutrinária dos Evangelhos, Tolstoi seguiu o caminho de muitos outros iluminados que apareceram na Russia. Elas levavam á abolição dos tribunais, porque Jesus tinha dito «não

julgarás», e da propriedade, e do tributo de sangue, etc.

Espantoso era, sim, o seu amôr á verdade e a energia com que combatia todas as mentiras, e evidenciava a crueldade e o despotismo dos nobres e dos reis, tanto do seu paiz como estrangeiros. Exemplificando, teriamos o caso da *Anexação da Bósnia e Herzegovina*, (traduzido para português pelo escritor Jaime de Magalhães Lima, seu grande admirador, que foi expressamente á Russia para lhe falar, e que traduziu alguns outros livros de Tolstoi, como a *Vida de Jesus*).

Nesta ultima fase da vida do escritor não era raro vêrem-se reproduzidas fotografias representando-o com o traje dum simples camponez russo, concertando as suas próprias botas, ou em qualquer outra ocupação não menos modesta.

Nós, os ocidentais, exagerámos possivelmente a importancia de alguns dos seus actos, porquanto o facto duma pessoa de boa familia, vivendo isolado nas suas terras, entregando-se, como desfastio, ao rude trabalho das ceifas ou sementeiras, não era mais estranho na Russia do que um rico burguez do nosso paiz ocupar-se de jardinagem. Há

mesmo tradições semelhantes na nobreza do nosso paiz.

E um dia Tolstoi afastou-se dos seus para ir morrer solitario e ignorado em pleno bosque: Talvez como alguns pensam para evitar as instancias dos discipulos, insistindo por que puzesse a sua vida em inteira conformidade com as suas teorias, ou talvez, a mente cansada por um trabalho extenuante, o abandonasse a uma intima tendencia para o isolamento, na misantropia não rara no povo russo.

JAIME DE MACEDO

DEPOIS DO BAILE

Dizeis vós que um homem não póde compreender por si mesmo o que é bem e o que é mal, que tudo depende do meio, que o meio molda o homem. E eu penso que tudo depende do acaso... Oiçam, vou-vos contar uma coisa que me aconteceu...

Assim falava o muito respeitado Ivan Vassilievitch, depois duma conversa cujo assunto era que, para o aperfeiçoamento individual, é preciso antes de mais nada mudar as condições em que os homens vivem. A dizer a verdade, nenhum de nós tinha sustentado que não se póde compreender por si proprio o que é bem e o que é mal, mas era costume de Ivan Vassilievitch responder aos seus proprios pensamentos, sugeridos pela conversa, e a proposito deles contar episodios da sua propria vida. Muitas vezes esquecia-se completamente do seu ponto de partida, e deixava-se arrastar pe-

la sua historia, tanto mais que contava com muita sinceridade e exactidão.

Desta vez foi a mesma coisa.

—Falarei segundo a minha própria experiencia. Toda a minha vida foi influenciada não pelo meio, mas por uma coisa inteiramente diversa.

—Mas então porquê? perguntámos.

—E' uma história muito comprida. Para me fazer compreender tenho que contar longamente.

—Conte.

—Ivan Vassilievitch reflectiu, depois abanou a cabeça.

—Sim, disse, toda a minha vida tomou outra orientação por causa duma noite, ou antes, por causa duma manhã.

—O que lhe aconteceu? perguntou um de nós.

—Aconteceu-me que estava muito apaixonado... Tinha já estado apaixonado, mas este amôr era muito mais forte... e diferente... E' já antigo... Ela, tem já filhas casadas. Trata-se de Varenka B... (Ivan Vassilievitch pronunciou o nome). Mesmo aos cincoenta anos ainda é formosa. Mas quando era nova, aos dezoito, era linda, alta, graciosa, elegante e magestosa, magestosa precisamente. Conservava-se sempre muito direita, como se não pudesse fazer de outra maneira, com a cabeça ligeiramente deitada para traz... E com a sua beleza e alta estatura, isto dava-lhe, apezar da sua magreza, um ar real que, se não fôsse o seu sorriso acariciante, teria conservado toda a gente a distancia. Sempre alegre, os olhos brilhantes, encantadores, toda a sua pessoa era deliciosa.

—Oh! oh! como Ivan Vassilievitch descreve bem!

—Por melhor que se descreva, tudo o que possa dizer-se não dará uma ideia do que era... Mas não se trata disso... O que eu vou contar passou-se na década do ano 40. Nessa época era eu estudante numa Universidade de provincia. Não sei se era bem ou mal, mas no meu tempo não havia na nossa Universidade nem grupos nem teorias quaisquer que fôssem. Eramos simplesmente novos e viviamos como a juventude: estudavamos e divertiamo-nos. Eu era muito alegre, vivo, e, além disso, rico. Tinha um soberbo cavalo, ia ás montanhas russas com raparigas (a patinagem ainda não estava á moda) e divertia-me com os meus camaradas. (Nessa época só bebiamos *champagne*, quando não havia *champagne*, então não se bebia coisa alguma, e nunca, como agora, aguardente. O meu maior divertimento eram as *soirées* e os bailes. Dançava bem, não era feio...

—Não se faça modesto, interrompeu uma senhora. Conhecemos o seu retrato da guerreotipada. Não deve dizer que não era feio, era muito bonito.

—Está bem, seja! era bonito rapaz. Mas não se trata disso.. Nesse periodo em que o meu amôr por ela atingia o seu máximo, no ultimo dia de Carnaval, fui a um baile em casa do Marechal da nobreza, um velho bem parecido, rico, hospitaleiro e camarista da côrte. Sua mulher, egualmente de boa aparencia, fazia as honras da casa. Estava vestida de veludo, com um diadema de brilhantes na cabeça; os seus ombros e peito de mulher madura, gordos, brancos, decotados como nos retratos da impe-

ratriz Élisabeth Pétrovna. O baile estava maravilhoso. Uma sala esplendida, córos, a orquestra, célebre então, de servos dum proprietário amador de musica; um *buffete* impressionante e um rio de *champagne*. Apezar de amador de champagne, não bebi, porque, mesmo sem vinho, estava embriagado... embriagado de amôr. Mas em compensação, dancei até cair já se vê, a maior parte das vezes com Varenka. Estava vestida de branco com um cinto côr de rosa; tinha umas luvas de pelica branca que lhe chegavam ao cotovêlo magro, ponteagudo, e uns sapatinhos de setim branco. Esse nojento Aninsinof roubou-me uma mazurka. Ainda não lh'o perdoei. Tinha-a convidado para esta dança mal ela tinha chegado, emquanto que eu me tinha demorado um pouco no barbeiro, onde tinha ido buscar umas luvas. De maneira que não dancei a mazurka com ela, mas com uma joven alemã, a quem, outr'ora, tinha feito um dêdo de côrte. Mas creio que fui pouco bem creado com ela nessa noite: não lhe falei, não olhei para ela, só via a cintura flexivel de Varenka, o seu vestido branco com uma faxa côr de rosa, e a sua face animada, com covinhas, e os seus olhos encantadores, acariciantes. Não era eu o unico a admirá-la; todos, homens e mulheres, ainda que as eclipsasse todas, a olhavam e admiravam. Formalmente não dancei a mazurka com ela, mas na realidade foi quási todo o tempo com ela que a dancei. Sem se acanhar, atravessando a sala toda, vinha direita a mim, e eu precipitava-me sem esperar o convite, e ela então agradecia-me com um sorriso, por ter compreendido. Quando nos levaram perante ela, e que, não advinhan-

do a minha qualidade, teve de estender a mão ao outro dançarino, encolheu os ombros e, á maneira de consolação, sorriu-me. Durante as figuras valsadas da mazurka, valsei durante muito tempo com ela, e, com a respiração rápida, sorridente, ela dizia-me: Ainda! e eu valsava, valsava, não sentindo já o meu corpo.

—Como! não o sentia quando lhe enlaçou a cintura? Imagino que sentiu não só o seu corpo, mas tambem o dela, disse um dos auditores.

Ivan Vassilievitch córou e, quási zangado, exclamou:

—Ah! Eis bem a juventude de hoje. A não ser o corpo não vêem nada. No nosso tempo, não era a mesma coisa. Quanto mais apaixonado eu estava, mais ela me parecia imaterial. Agora, só vêem o pé, o tornozêlo, etc.; despem a mulher por quem estão apaixonados, emquanto que para mim, como dizia Alphonse Karr (era um bom escritor), o objecto do meu amôr tinha sempre vestidos de bronze. Mas só as não despiamos, mas, como os bons filhos de Noé, procurávamos velar a nudez... Mas vós outros não compreenderiam...

—Não o escutem... Diga-nos o que se passou depois? disse um de nós.

—Está bem, eis: dançava com ela e não dava pela fuga das horas. Os musicos, com a obstinação do cansaço, conheceis isso, quando chega o fim dum baile, tocavam sempre o mesmo motivo de mazurka. Nas salas, os papás e as mamás já tinham abandonado as mezas de jôgo, esperando a ceia. Os creados passavam, trazendo qualquer coisa. Já eram mais de duas horas, era preciso aproveitar os ultimos instan-

tes para a convidar ainda uma vez, e pela centéssima vez démos juntos a volta á sala.

«Então, a quadrilha, depois da ceia, é para mim?» disse-lhe eu, conduzindo-a ao seu lugar. —«Sem duvida, se não me levarem embora» respondeu, sorrindo. — «Não o permitiria», acrescentei eu.—«Dê-me o meu leque, disse ela.—«Tenho pena de lh'o dar já», disse-lhe eu, estendendo-lhe o seu pequeno leque branco, sem valôr.—«Então, tome, para não ficar pezaroso», e arrancou do leque uma penazinha que me deu. Tomei a pena nas minhas mãos e só pude exprimir-lhe a minha felicidade e reconhecimento com o olhar. Sentia-me não sómente alegre, contente; era feliz, bom.

«Já não era eu, mas um ser não terrestre, imaterial, desconhecendo o mal e só apto para o bem. Escondi a pena na luva e fiquei de pé, sem força para me afastar dela.—«Olhe, estão pedindo ao papá que dance, disse-me ela designando a pessoa, alta e elegante, de seu pae, coronel, de dragonas de prata, que estava no limiar duma porta, rodeado de senhoras.

—«Varenka! Venha cá», ouvimos nós então a voz alta da dona da casa, de diadema de brilhantes e decotada á impertriz Elisabeth.

Varenka aproximou-se da porta; segui-a.

—Minha querida, peça ao seu pae para dar uma volta de valsa comsigo. «Vamos, peço-lhe, Piotro Vladilarovitch, disse a dona da casa, dirigindo-se ao coronel.

O pae de Varenka era um formoso velho, alto, esbelto, ainda verde; a face córada, o bigode branco, frizado á Nicolau I, com suissas brancas que se iam juntar ao bigode e o cabelo puxado para as fontes; e o mesmo sorriso

alegre da filha estava nos seus olhos brilhantes e nos seus lábios. Era admirávelmente constituido: o peito largo, saliente como nos militares, pouco ornado de condecorações; ombros fortes; as pernas compridas, elegantes. Tinha o tipo dos velhos servidores militares do tempo de Nicolau.

Quando nos aproximávamos da porta, o coronel recusava, dizendo que não sabia já dançar; em todo o caso, sorrindo, ia tirando, com a mão esquerda o sabre do talim e entregava-o a um joven amável que se encontrava ao nosso lado, depois enluvando a mão direita:—«E' preciso que tudo se faça segundo as praxes», disse sorrindo, e pegou na mão da filha e esperou a musica. Ao primeiro compasso da ma zurka bateu enérgicamente com um pé, lançou o outro para deante, e, umas vezes de vagar e a compasso, outras ruidosamente, batendo com os pés, um de encontro ao outro, começou a mover-se á volta da sala.

A graciosa Varenka voava a seu lado, ora alongando, ora diminuindo os passos dos seus pequenos pés calçados de setim branco. Toda a sala seguia cada um dos movimentos deste par. E eu, não só o admirava, mas olhava-o com um enternecimento entusiástico. As botas, sobretudo, me enterneciam. Eram umas botas sólidas, nada á moda, de biqueira ponteaguda, mas botas á antiga, de biqueira quadrada, feitas, evidentemente, no sapateiro do regimento.—«Para levar á sociedade a sua filha preferida, para a enfeitar, nem compra botas á moda, mas usa umas simples botas, feitas no regimento», pensei eu, e essas biqueiras quadradas enterneciam-me especialmente.

Via-se que devia ter dançado muito bem n'outros tempos, mas agora estava um pouco pezado e as suas pernas não eram bastante flexiveis para os passos graciosos e rápidos que se esforçava por fazer.

No emtanto, deu duas voltas; e quando, afastando rápidamente as pernas, depois aproximando-as, se ajoelhou, um pouco pezadamente, e que ela, sorridente, arranjando a saia que ele graciosamente retinha, deu uma volta em tôrno dele, todos bateram estrepitosamente as mãos. Levantou-se com certo esfôrço, agarrou ternamente, duma maneira encantadora, a filha pelas orelhas, deu-lhe um beijo na testa e trouxe-ma, imaginando que eu dançava com ela. Disse-lhe que não era o seu par.—«Não faz mal, dê uma volta agora com ela», disse-me ele, sorrindo ternamente emquanto punha a espada.

Da mesma maneira que, logo que uma gôta sae da garrafa, todo o seu conteudo se esvazia rapidamente, o meu amôr por Varenka dava largas a toda a capacidade de amar escondida na minha alma. Nesse momento, o meu amôr abrangia todo o universo. Amava a dona da casa com o seu diadema e o seu decote á imperatriz Elisabeth; amava o marido dela, os seus convidados, os seus creados, e mesmo até o engenheiro Anissimof.

Quanto as eu pae, com as suas botas do regimento, o seu dôce sorriso semelhante ao dela, sentia por ele um sentimento entusiasta e terno. Depois da ceia, dancei com ela a quadrilha prometida, e ainda que me sentisse infinitamente feliz, a minha felicidade aumentava ainda. Não falávamos de amôr. Não lhe perguntei, como o não perguntei a mim mesmo, se me

amava. Bastava-me amá-la. Só temia que alguma coisa viesse desfazer a minha felicidade.

De volta a casa, tirei a capa; imaginei poder dormir, mas depressa verifiquei que era absolutamente impossivel. Segurava na mão a pena do seu leque e a sua luva, que ela me tinha dado ao partir, na ocasião em que a ajudava a subir para a carruagem, depois de ter ajudado a mãe. Olhei esses objectos, e, sem fechar os olhos, via-a em frente de mim: ou no momento em que, esolhendo entre os dois dançarinos, advinhara a minha qualidade e ouvia a sua voz encantadora, dizendo: «A´ altivez. Sim?» ao mesmo tempo que me estendia alegremente a mão; outras vezes, bebendo *champagne* a pequenos goles e olhando-me com os seus olhos acariciantes. Mas, mais nitidamente ainda, via-a com o pae, quando andava graciosamente á volta dele e com orgulho e alegria, tanto por si mesma como por ele, olhava para os espectadores maravilhados; e, não conseguindo dominar-me, unia os dois no mesmo sentimento afectuoso e enternecido.

Vivia eu nessa época com meu faleido irmão. Meu irmão, em geral, não gostava de frequentar a sociedade nem os bailes; e como se preparava então para os exames da Universidade, levava uma vida muito regular. Dormia. Olhei a sua cabeça enterrada na almofada e semicoberta pelo cobertôr de lã, e tive dó dele; dó porque ele não conhecia, não experimentava a felicidade que eu sentia.

O nosso creado, o servo Pétruncha, que tinha vindo ao meu encontro com uma véla, quiz ajudar-me a despir, mas eu dispensei-o. A sua face ainda adormecida, o seu cabelo emara-

nhado, acheia-a enternecedora. Fazendo o possivel por não fazer barulho, na ponta dos pés entrei no meu quarto e sentei-me sobre a cama. Não, era demasiadamente feliz, não conseguia dormir. Além disso sentia muito calôr no aposento demasiado aquecido, e, sem tirar o uniforme, dirigi-me ao vestibulo, onde puz a minha capa, depois, abrindo a porta da rua, sahi... Tinha abandonado o baile ás quatro hors da manhã; o tempo de chegar a casa, de lá estar um bocado, tinham-se passado duas horas, de maneira que, quando sahi, já era dia. Era a época do Carnaval; havia nevoeiro, a neve humida fundia nas ruas e escorria dos telhados. Os B... viviam no extremo da cidade, próximo dum grande campo, na extremidade do qual era o passeio publico, e, do outro lado, o instituto feminino. Atravessei a minha rua deserta e fui para a rua larga, onde já passava gente e carroceiros transportando lenha em trenós.

E os cavalos, que abanavam com regularidade as cabeças molhadas por baixo dos arcos brilhantes; e os carroceiros, as costas cobertas de esteiras, que, calçados de formidáveis botas, iam ao lado dos cavalos; e as casas, que pareciam muito altas no nevoeiro; tudo aquilo era para mim cheio de encanto e importancia.

Ao chegar ao campo, próximo do lugar em que se encontrava a casa deles, vi na outra extremidade, na direcção do passeio publico, qualquer coisa, grande e negra, e ouvi o som duma flauta e de tambores que de lá vinham. Tudo cantava na minha alma, e de tempos a tempos percebia o motivo da mazurka. Mas o

que eu acabava de ouvir era diferente, era uma musica cruel, má.

«O que será?», pensei, e tomando um caminho escorregadio pelo meio do campo, dirigi-me para o lado de onde vinham os sons. Depois de ter dado uma centena de passos atravez o nevoeiro, comecei a distinguir algumas pessoas, vestidas de escuro. Eram, evidentemente, soldados, provavelmente a fazer exercicio, pensei eu, e acompanhado por um ferreiro de casaco sujo de pele de carneiro e de avental, e que levava qualquer coisa e ia á minha frente, aproximei-me mais. Uns soldados, de uniforme preto, estavam de pé em duas filas, face a face, imóveis, com a espingarda aos pés. Por detraz deles, os tambores e uma flauta, repetiam, sem parar, a mesma musica, desagradável, aguda.

«Que fazem eles?» perguntei ao ferreiro, que tinha parado ao meu lado.—«Fustigam um tártaro, por deserção», respondeu mal humorado o ferreiro, olhando para a extremidade da fila. Olhei na mesma direcção e vi entre as filas uma coisa assustadora, que avançava do nosso lado. Essa coisa era um homem, nú da cintura para cima, atado ás espingardas de dois soldados que o arrastavam. Ao lado dele ia um militar de alta estatura, de capa e *képi*, cuja maneira de andar me relembrou uma pessoa conhecida. Com estremecimentos por todo o corpo, com os pés chapinhando na neve fundida, o homem castigado avançava para o meu lado, debaixo das pancadas que caiam sobre ele da direita e da esquerda, umas vezes deitando-se para traz, e então, os oficiais inferiores que o arrastavam pelas espingardas puchavam-no para deante, outras vezes caindo para a frente, e en-

tão, para o impedir de caïr, puchavam-no para traz. E, ao lado dele, com passo firme, ia o oficial de alta estatura. Era o pae dela, a face vermelha, o bigode e as suissas brancas.

A cada pancada, o homem castigado parecia admirado, voltava para o lado de onde tinha partido a pancada, o rôsto crispado pelo sofrimento, e, mostrando os dentes brancos, repetia qualquer coisa. Só quando se aproximou de mim distingui as suas palavras. Não falava, soluçava: «Irmãos, tenham dó de mim! Irmãos, tenham dó!».

Mas os irmãos não tinham dó, e quando o cortêjo passou por mim, vi o soldado que estava á minha frente dar um passo, resolutamente, para deante, agitar a vara, fazendo-a assobiar no ar, e abatê-la pezadamente sobre as costas do tártaro. Este fez um brusco movimento para deante, mas o oficial inferior susteve-o, e uma pancada egual lhe foi dada no outro lado... E de novo, dum lado e de outro... O coronel avançava sempre atraz dele, olhando ou para o chão, ou para o castigado; aspirando o ar a plenos pulmões, e deixando-o sair lentamente por entre os lábios.

O cortêjo tendo passado além do lugar em que eu estava, vi, entre as filas de soldados, as costas do preso. Era uma coisa mosqueada, molhada, dum vermelho não natural; não podia acreditar que era um corpo de homem.

—Oh! Senhor Deus! murmurou a meu lado o ferreiro.

O cortêjo afastou-se mais, e as pancadas continuavam a cair dos dois lados sobre o homem que cambaleava e se torcia, emquanto batiam os tambores e assobiava a flauta. E sempre,

com o mesmo psso firme, avançava ao lado do castigado, a pessoa, alta e elegante, do coronel.

De repente, o coronel parou, depois aproximou-se rápidamente dum dos soldados.—«Eu ensino-te...» ouvi eu dizer com uma voz encolerizada.—«Tens medo de lhe tocar, eu ensino-te...» E vi-o bater, com a mão forte, enluvada, na face do soldado, assustado, anémico, porque este não tinha batido com fôrça suficiente nas costas ensanguentadas do tártaro.

—«Dae varas novas!» gritou, e, virando-se, viu-me. Fingiu não me reconhecer, franziu maldosamente as sobrancelhas e virou-se apressadamente. Eu estava tão envergonhado que não sabia para onde havia de olhar, como se tivesse surpreendido um acto repreensivel. Abaixei os olhos e afastei-me apressado.

Durante todo o caminho soavam aos meus ouvidos, ora os tambores, ora a flauta, ora as palavras «Irmãos, tenham dó», ou a voz firme, encolerizada do coronel, gritando: «Eu te ensino! Eu te ensino!». E o meu coração estava angustiado, duma angustia quási fisica que lembrava a náusea, uma angustia tal que tive de parar várias vezes, quási a vomitar todo o horror que este espectáculo me tinha causado. Não me lembro como voltei para casa e me deitei; mas logo que adormeci, de novo vi e ouvi tudo outra vez, e saltei da cama.

«Evidentemente ele sabe qualquer coisa que eu ignoro», pensei eu do coronel. «Se eu soubesse o que ele sabe talvez compreendesse o que vi e não estaria horrorizado». Mas por mais que reflectisse não consegui compreender o que o coronel sabia, e só poude dormir á

noite, e ainda depois de ter ido a casa dum amigo, onde me embriaguei duma maneira espantosa.

E imaginam que a minha conclusão foi que, o que eu tinha visto, era um acto mau? De modo nenhum. «Se se faz isto com tal segurança, se todos o julgam necessário, é porque evidentemente sabem qualquer coisa que eu não sei», pensei eu.

E procurei compreender, não o consegui; não o tendo conseguido, não poude entrar para o exército, como era meu projecto anteriormente. E não sómente não entrei para o serviço militar mas não servi em parte alguma, e, como vêem, não tive préstimo para coisa alguma.

—Sim, sabemos como não teve préstimo para nada, protestou um de nós. Diga quantos homens não teriam préstimo algum se não existisse Ivan Vassilievitch.

—Isso são asneiras! disse este.

—Então! e o amôr? perguntámos.

—O amôr? A partir desse dia, começou a diminuir. Quando ela estava pensativa, como muitas vezes lhe acontecia, sorrindo, lembrava-me logo do coronel no lugar do castigo, e não estava á vontade. Então comecei a espaçar os nossos encontros, e o amôr desapareceu completamente.

«Eis o que acontece, e que muda completamente a vida dum homem, terminou ele.—E diziam...

Ismaia-Poliana, 20-Agosto-1903.

Aleixo, o "Caneco"

Aleixo, era o filho mais novo. Tinham-no alcunhado o *Caneco*, porque uma vez, a mãe, tendo-o mandado levar um caneco com leite á mulher do diácono, ele escorregou e partiu o caneco. A mãe bateu-lhe e as creanças traquinaram-no com esse caneco; Aleixo, o *Caneco*. E a alcunha ficou. Aleixo era um rapaz baixo, magro, as orelhas afastadas como azas, e um longo nariz. As crianças traquinavam-no: «O nariz de Aleixo parece um cão sobre um cabeço!»

Havia uma escola na aldeia, mas Aleixo não se aproveitou dela: não tinha tempo para aprender. O irmão mis velho trabalhava na cidade, em casa dum mercador, e Aleixo, ainda muito novo, começou a ajudar o pai. Aos seis anos, em companhia das rapariguinhas, guardava já os carneiros e as vacas nas pastagens; e um pouco mais tarde foi guardar os cavalos dia e noite. Desde a idade de dôze anos que

trabalhava no campo e guiava. Não tinha muita força, mas era muito hábil. Estava sempre alegre. As creanças troçavam dele, ele calava-se ou ria. Quando o pai lhe ralhava, calava-se e ouvia, e logo que acabavm de lhe ralhar, sorria e retomava o seu trabalho.

Aleixo tinha dezanove anos quando o irmão foi para o serviço militar; e o pai, mandou Aleixo, como porteiro, para casa do mercador. Deram a Aleixo as velhas botas do irmão, o *bonet* do pai, um *padiovka* (1), e conduziram-no á cidade. Aleixo admirava o seu vestuário, mas o mercador não se mostrou satisfeito do seu parecer.

—Julguei que tu me ias dar um homem para substituir Simeão,—disse o mercador examinando Aleixo, e aqui está o ranhoso que tu me trouxeste. O que faz ele?

—Sabe fazer seja o que fôr; atrelar o cavalo, fazer recados, e trabalhar muito bem. Tem assim um ar de tapado, mas é muito capaz. E, para mais, é muito modesto.

—Está bem! Que se há de fazer? Veremos. Deixa-o ficar.

E Aleixo principiou o seu serviço em casa do mercador. A familia do mercador não era grande: a mulher, a velha mãe, um filho mais velho, casado, muito pouco instruido, que trabalhava com o pai; um outro filho, sábio, que tinha terminado os estudos no liceu, depois tinha entrado para a universidade, de onde o tinham

---

(1)—Casaco forrado, longo, usado na classe dos comerciantes.

expulso, e que, agora, vivia em casa; e por ultimo, uma filha, ainda no liceu.

Ao principio, Aleixo não agradou. Era demasiadamente campónio, arranjava-se mal, mal educado, tratava por tu toda a gente. Mas depressa se acostumaram a ele. Trabalhava ainda mais que o irmão, e, com efeito, nunca discutia. Incumbiam-no de todas as tarefas, e ele fazia tudo, de muito boa vontade e muito depressa, passando sem descanso dum trabalho a outro. Em casa do mercador, como em casa, sobrecarregavam-no com todo o trabalho. Mais ele trabalhava, mais lhe davam que fazer. A mulher do mercador, a mãe, a filha dele, o filho, o empregado, a cozinheira, todos enviavam ora aqui, ora acolá, faziam-lhe fazer ora uma coisa, ora outra. Ouvia-se a todo o momento: «Meu amigo, corre lá abaixo!... Aliocha! arranja isto... O quê, Aliocha? tu não fizeste aquilo?... Aliocha, toma atenção, não esqueças...» E Aliocha corria, punha em ordem, tomava atenção, não esquecia, e sempre sorrindo fazia tudo.

Depressa gastou as botas do irmão, e o patrão zangava-se com ele porque ele trazia as botas estragadas, atravez das quais passavam os dedos nus; e mandou-lhe comprar umas botas novas no mercado.

As botas eram novas e Aliocha rejubilava, mas os pés eram antigos, e á noitinha, depois dos recados que fizera, sofria muito com isso e estava descontente com as botas. Aleixo temia que o pai, quando viesse buscar o dinheiro dos seus ordenados, se zangasse pelo mercador lhe descontar o preço das botas.

Mesmo no inverno, Aleixo levantava-se an-

tes de nascer o dia, rachava a lenha, varria o páteo, dava de comer á vaca, ao cavalo, e levava-os a beber. Em seguida acendia o fogão, engraxava as botas, preparava os *samovars* e limpava-os cuidadosamente. Então, o empregado chamava-o para o ajudar a pôr de fóra as mercadorias, ou a cozinheira mandava-o amassar a massa, arear as caçarolas. Em seguida mandavam-no á cidade, umas vezes levar um recado, outrs vezes conduzir a menina ao liceu, outras ainda buscar azeite de lamparina para a velha.

«Onde te sumiste, maldito?» dizia-lhe ora um, ora outro. «Não vale a pena lá ir, Aliocha corre lá: Aliocha! Aliocha!» E Aliocha corria.

Almoçava a correr, e era raro que jantasse com os outros. A cozinheira ralhava-lhe porque ele não jantava ao mesmo tempo que os outros; no emtanto, tinha pena dele e guardava-lhe qualquer coisa quente para o jantar e para a ceia. Tinha muito que fazer, especialmente nas vésperas de dias santos e nos dias santos. Mas Aliocha gostava dos dias santos porque o gorgeteavam, pouco, é verdade: arranjava pouco mais ou menos sessenta *kopecks*; mas era dinheiro para ele. Com respeito ao seus ordenados, nunca lhe tinham passado pela mão. O pai vinha, recebia o dinheiro do mercador, e apenas ralhou com Aleixo por ter estragado tão depressa as botas.

Quando juntou dois *rublos* com as gorgetas, comprou, a conselho da cozinheira, uma camizola de malha encarnada, e quando a teve vestida, ficou boquiaberto de alegria.

Aleixo falava pouco, e quando falava era rápidamente e sem olhar para o seu interlocutor.

Quando lhe davam que fazer ou que lhe perguntavam se podia fazer tal ou tal trabalho, sempre, sem uma hesitação, respondia que podia e tratava logo d'isso.

Não sabia uma reza. Tinha esquecido as que a mãe lhe tinha ensinado; no emtanto, rezava pela manhã e á noite, e a sua reza consistia em gestos com as mãos.

Viveu assim um ano e meio. No decurso da segunda metade deste segundo ano, sucedeu-lhe o acontecimento mais extraordinário da sua vida. Eis qual foi: No meio do seu espanto, soube que, salvo as relações baseadas na necessidade que cada qual tem dum outro, há ainda, entre as pessoas, relações duma outra espécie. Não é nem para o ajudar, nem para lhe limpar as botas, nem para levar uma compra, nem para atrelar um cavalo que um ser humano tem necessidade dum outro; deseja sómente servi-lo, acarinhá-lo, e eis que com ele, Aliocha, existiam umas tais relações. Soube-o pela cozinheira, Oustinia.

Oustinia era uma rapariga orfã, tão trabalhadora como Aliocha. E Aliocha sentiu, pela primeira vez, que não eram os seus serviços, mas ele próprio, que era necessário a uma outra pessoa. Quando a mãe se mostrava boa para ele, não o reparava. Isso parecia-lhe perfeitmente natural, como se ele mesmo tivesse pena de si. Mas eis que, de repente, reparou que Oustinia, uma pessoa perfeitamente estranha, tinha pena dele. Ela guardava-lhe *cacha* (1) com manteiga, e, emquanto ele comia, o queixo apoiado sobre um punho, ela olhava

(1)—Espécie de papa feita com cevadinha.

para ele. Deitava um olhar para ela, ele ria e ela ria tambem.

Isto era duma tal novidade e tão espantoso que Aleixo teve medo. Sentia que isso o impedia de trabalhar como o tinha feito até ahi. Mas no emtanto, era feliz; e, quando olhava para as suas calças remendadas por Oustinia, meneava a cabeça e sorria. Muitas vezes, quando trabalhava, ou durante um recado, pensava nela e murmurava: «Hé! Hé! Oustinia!» Oustinia ajudava-o tanto quanto podia, e ele, do seu lado, fazia o mesmo. Ela contava-lhe a sua vida: que tinha ficado orfã; que a tia a tinha levado parac asa, depois, empregado na cidde; que o filho do mercador se tinha metido com ela, e que ela o tinha posto no seu lugar. Ela gostava de falar, e ele tinha prazer em ouvi-la. Tinha ouvido contar que sucedia muitas vezes, aos campónios que trabalhavam na cidade, casarem com as cozinheiras. Uma vez, ela perguntou-lhe se o casariam brevemente. Respondeu-lhe que não sabia coisa alguma a esse respeito e que não tinha vontade de se casar com uma rapariga da sua aldeia.

—O quê! Terás tu já alguem em vista? disse ela.

—Sim... Tomar-te-ia por mulher... quererias tu saber de mim?...

—Ora ahi está um caneco! E como ele disse isto bem! disse ela batendo-lhe amigavelmente nas costas.—Porque é que eu não havia de querer saber de ti?

Durante a quaresma, o velho veiu á cidade para buscar o dinheiro. A mulher do mercador sabia que Alexis fazia tenção de casar com a cozinheira, e isso não lhe agradava. «Ela vai

ficar grávida e não vai servir para coisa alguma depois de ter um filho», disse ela para o marido.

O mercador entregou ao pai o dinheiro de Alexis.—Então? como vai ele no serviço? perguntou o camponez. Tinha-vos dito que ele nunca discutia.

—Sim... Mas tem vontade de fazer uma asneira... Quer casar-se com a cozinheira, e eu, não quero creados casados; não me convém isso...

—O imbecil! Ahi está o que ele foi inventar! disse o pai. Isso não tem nada. Vou ordenar-lhe que acabe com essa asneira...

O pai passou á cozinha e assentou-se á meza, esperando o filho. Aliocha tinha ido, a correr, fazer um recado; entrou ofegante.

—Julgava que fôsses um rapaz sério, e aqui está o que fôste imaginar! disse o pai.

—Eu?... nada...

—Como nada? Tu queres-te casar. Eu casar-te-hei quando chegar a ocasião, e com quem fôr conveniente, mas não com uma galdéria da cidade.

O pai falou muito tempo. Aliocha, em pé, suspirava. Quando o pai terminou, Aliocha sorriu.

—Então, acaba-se com isso...

—Está bem.

Depois do pai se ir embora, quando se encontrou só com Oustinia, contou-lhe o que ele lhe tinha dito. (Ela tinha-se escondido atraz duma porta e tinha ouvido tudo).

As nossas combinações não têm seguimento... Ouviste? Ele zangou-se e proibiu-mo.

Ela chorava baixinho, limpando as lágrimas

com o avental. Aliocha dava estalos com a lingua.

—Como posso eu não obedecer?... Não há coisa alguma a fazer... E' preciso acabar.

A' noitinha, quando a mulher do mercador o chamou para fechar as portas de dentro das janelas, disse-lhe:

—Então, ouviste o teu pai? acabaram com essa asneira?

—Sim... acabámos com aquilo, respondeu Aliocha, rindo e chorando ao mesmo tempo.

A partir desse dia, Aliocha não falou mais de casamento com Oustinia e viveu como d'antes.

Durante a quaresma, o empregado mandou-o limpar a neve para o telhado. Subiu para o telhado, varreu a neve toda, e começou a despegar a neve gelada junto da biqueira. Escorregaram-lhe os pés e caiu com a pá. Desgraçadamente para ele, em vez de cair sobre a neve, caiu sobre um alçapão de ferro.

Oustinia acorreu, e, com ela, a filha dos patrões.

—Magoáste-te, Aliocha?

—Oh! não... não é nada.

Quiz levantar-se mas não poude e sorriu-se. Levaram-no para o quarto do porteiro. Um enfermeiro veiu examiná-lo e perguntou-lhe onde lhe doía.

—Tenho dôres em todo o corpo, mas não é nada... Só o patrão se vai zangar... Vai ser preciso mandar dizer ao meu pai...

Aleixo estava de cama, havia dois dias. Ao terceiro dia mandaram chamar o padre.

—O quê! Tu vais morrer? disse Oustinia.

—Então. O quê? Não se póde viver sempre. Tem que ser um dia... pronunciou Aliocha, rápidamente, como de costume.—Obrigado, Oustinia, por teres sido boa para mim... Vês, foi melhor que não nos tivessem deixado casar. De outra maneira, o que iria suceder? Agora, tudo está bem...

Rezou com o padre, mas, como sempre, com as mãos e com o seu coração. E no seu coração sentia que assim como se está bem, cá em baixo, quando se obedece e não se faz o mal, do mesmo modo se estará bem lá no alto.

Falava pouco, pedia sómente para beber, e espantava-se com qualquer coisa. Espantou-se com qualquer coisa, esticou-se e morreu.



FOI ESTE LIVRO COMPOSTO NAS OFICINAS GRAFICAS DE O JORNAL "A PÁTRIA", RUA DO MUNDO, 116, E IMPRESSO NO LARGO DO CALHARIZ, 29, NA CIDADE DE LISBOA

